

CB FORUM  
Educação  
profissional  
e o primeiro emprego

# A instrução como valor no mercado

O diretor regional do Senac-DF, Vitor Corrêa, defende que o ensino técnico é a principal ferramenta para reduzir o desemprego entre jovens. Para a pesquisadora do Ipea Carolina Rolon, o Estado precisa retomar investimentos na área

» MARIANA SARAIVA  
» PABLO GIOVANNI

"O nível de desemprego no Brasil é um, mas entre os jovens é o dobro". Com essa afirmação, o diretor regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Distrito Federal (Senac-DF), Vitor Corrêa, avaliou que, quando se fala em formação e primeiro emprego, o debate é fundamental para o desenvolvimento da população. "Quando você vai falar em primeiro emprego você não pode falar em experiência, é preciso ter instrução. Só que o ensino regular e formal não te dá essa relação direta com o mercado", argumentou o participante do painel "Por que investir em educação profissional?", no CB Fórum Educação Profissional e o Primeiro Emprego, promovido pelo Correio, na tarde de ontem.

Em parceria com o Senac-DF, o evento foi realizado no auditório do jornal e reuniu especialistas na área, autoridades e políticos, em dois painéis, com mediação das jornalistas Mariana Neiderauer e Samanta Salum. O diretor regional do Senac expôs um momento de reflexão sobre como fomentar as contratações de jovens profissionais. "Somos a maior entidade em Brasília em formação profissional durante o ensino médio. Temos que pensar que esforços podemos fazer com as parceiras para que os números possam aumentar. Ofertamos 15 títulos, profissões que têm uma empregabilidade interessante, mas podemos pensar em como fazer mais", apontou. Vitor Corrêa contou que o incentivo profissionalizante pode ser motivado a partir dos 12 anos de idade. "É preciso mostrar para o jovem a satisfação que o trabalho traz e, com isso, podemos obter

resultados em nível de cidadania", defendeu.

A educação profissional do Senac, de acordo com o dirigente, oferece a relação com as empresas, o que é primordial. "A pessoa faz o curso tendo uma relação já profissional e aprende no diálogo com as empresas. E mostramos o caminho que ele deve traçar para conseguir o primeiro emprego", explicou. "As pesquisas mostram que a diferença na renda entre uma pessoa que tem apenas o ensino médio e uma com ensino técnico é de 32% a mais, e o nível de desemprego é 30% menor", assinalou Corrêa.

Para Vitor, um programa de grande valor e com bons resultados é o Jovem Aprendiz, em que o participante ganha uma bolsa enquanto recebe qualificação. "As pesquisas indicam que, ao final do contrato, as pessoas já conseguem entrar no mercado de trabalho", defende.

O diretor regional do Senac-DF relatou que os investimentos na área têm sido feitos. "Estamos focando em formações mais onerosas, porque formação em gestões é mais barata. Agora, para um curso de programador de jogos digitais, é necessário comprar 30 computadores de R\$ 14 mil cada. Estamos fazendo esse investimento, mas, para ganhar grande escala, precisamos de ajuda", ressaltou.

Há uma cooperação do Senac com a Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) que, segundo Vitor, permite o aluno da rede pública cursar o ensino médio e também o técnico — "e sai com a grande chance de conseguir um emprego". Para o ano que vem, o Senac acredita que serão três mil alunos nessa condição.

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Diferença na renda entre uma pessoa que tem apenas o ensino médio e uma com ensino técnico é de 32% a mais, e o nível de desemprego é 30% menor"

Vitor Corrêa, diretor regional do Senac-DF



No geral, todos são índices muito baixos. Não chegam a 10% (de jovens e adultos com nível técnico), muito aquém do que gostaríamos"

Carolina Rolon, pesquisadora do Ipea

## Brasil precisa dobrar matrículas em ETP na rede pública

No segundo painel, "Combatendo desigualdades e gerando oportunidades por meio da educação profissional", a pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) Carolina Rolon apresentou dados que mostram, com base em censos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), a diferença entre a rede pública, privada, federal e municipal na questão de matrículas na educação profissional e tecnológica de nível médio, entre 2012 e 2022.

A meta da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é de 4,8 milhões de matrículas, mas o cenário atual, no entanto, é de 2,1 milhões. Os dados trazem que quem mais escolariza jovens por meio da educação profissional no país é a rede privada. Em seguida, estão as estaduais, enquanto as federais estão em terceiro lugar. Nos gráficos, a rede municipal atingiu menos de 100 mil matrículas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) ao longo das pesquisas.

Sobre a esfera federal, Carolina citou que houve um crescimento no início dos censos, mas desacelerou nos últimos anos. "De 2012 a 2016, houve crescimento das matrículas na rede federal, principalmente impulsionado pelo governo daquela época. Depois, estagnou o investimento e não houve crescimento", afirmou. Ela sublinhou que os institutos federais proporcionam educação de qualidade e infraestrutura. "É muito atrativo, mas necessita de investimentos. É necessário que a esfera federal retome esses investimentos", argumentou a especialista.



O segundo painel do CB Fórum Educação Profissional e o Primeiro Emprego abordou as desigualdades que devem ser combatidas e as oportunidades que podem ser geradas

### Desequilíbrio

Sobre os concluintes de EPT em nível médio, os dados, de 2019, revelam que 5,4% dos jovens entre 18 e 24 anos têm o diploma de educação profissional e tecnológica de nível médio; na faixa de 25 a 29 anos, são 7%. Entre os adultos, 7,45 das pessoas entre 30 e 44 anos têm os certificados, enquanto as que estão na casa dos 45 aos 64 anos, 6%. Quando se separa por gênero, as mulheres representam 6% e os homens, 7,1%. Por cor, as pessoas pretas (5,4%) estão mais distantes das brancas (8,1%).

"No geral, todos são índices muito baixos. Não chegam a 10%, muito aquém do que gostaríamos", resumiu Carolina. Ela mencionou as estratégias que estão no Plano Nacional de Educação (PNE), que foram acordadas em 2014, para se tentar chegar em 2024 triplicando as matrículas na EPT. Segundo ela, vão fomentar a expansão da oferta de educação da modalidade de educação a distância — "um tema polêmico" — e estimular a expansão do estágio na educação profissional técnica de nível médio e do ensino médio regular, preservando-se seu caráter

pedagógico integrado ao itinerário formativo do aluno. "Foi uma estratégia que o Novo Ensino Médio buscou incorporar e que é importante mantermos e expandir", explicou.

### Qualidade

A especialista observou que, ao final do PNE, ainda não foi pensada uma forma de avaliar a qualidade da educação profissional técnica de nível médio das redes escolares e privadas. "Quando vemos que a rede estadual tem a maior oferta de EPT, elas são bem desiguais. Sabemos

que, entre as unidades da federação do país, há um desequilíbrio enorme", frisou Carolina. Ela acrescentou que a estratégia de estruturar o sistema nacional de informação profissional é muito importante para que se tenham o acesso à informação sobre formações e itinerários. "Com 14 anos, saindo do ensino fundamental, eles são muito novos. Em volta deles, as possibilidades podem ser muito limitadas. É importante fomentarmos desde cedo, para que esses jovens estudantes possam vislumbrar um futuro", completou. De acordo com a pesquisadora

do Ipea, há bons exemplos para o Brasil em países integrantes do Brics que fomentam a educação profissional. "Os russos criaram um circuito de turismo científico para as crianças visitarem. Na China, eles pensaram em prêmios para estimular o talento — no Brasil, há muitos talentos perdidos, e um prêmio para fomentar isso seria muito interessante. Na Índia, em uma parceria público-privada, eles montaram ônibus com laboratórios que iam a áreas carentes, mostrando a ciência de uma forma interessante, para envolver aquelas pessoas", sugeriu.